

TRABALHANDO COM HISTÓRIA ORAL EM PROJETO DE PESQUISA NO PARQUE ESTADUAL DO MENDANHA– PEM

André do Nascimento Siqueira – 4º período de Geografia

Raquel Brasilino – 4º período de Geografia

Cesar Augusto Sampaio Milhomens 3º período de Geografia

Orientadores:

Me. Rosilaine Sousa Araújo da Silva¹

Me. Artur Sérgio Lopes²

Este texto traz reflexões iniciais do Projeto de Iniciação Científica – PIC/FIC que tem como objetivo resgatar a espacialidade dos sujeitos (moradores e agricultores) inseridos no Parque Estadual do Mendanha – PEM através do método da história oral. Neste primeiro momento, apresentaremos a articulação entre os conceitos utilizados e metodologia de pesquisa, além do recorte espacial do trabalho.

Cumpramos lembrar que o projeto busca perspectivas a partir das ciências sociais que contribuam para o pensamento crítico e a construção do conhecimento rompendo os muros da sala de aula; deve possibilitar aos/às alunos/as construir vivências de campo e levantamento de dados, tais como da população que reside no parque, trabalhos de campo, realizar entrevistas abertas e semiestruturadas utilizando a história oral para resgatar a história e geografia do entorno do Parque Estadual do Mendanha – PEM. Uma das justificativas é a ausência de produção bibliográfica e atividades científicas neste recorte espacial.

¹Rosilaine Sousa Araújo da Silva, Mestre em Planejamento Urbano e Ambiental (UFF).

²Artur Sérgio Lopes – Mestre em Planejamento Urbano e Ambiental (UFF).

Nessa perspectiva, serão feitos estudos no Parque Estadual do Mendanha - PEM, onde, através da história oral, contada por moradores e pessoas que de alguma forma tenham relação com o local e consigam relatar a história do parque por suas memórias. Através desses relatos, esperamos poder analisar e compreender o desenvolvimento da agricultura familiar, o processo de ocupação das áreas do parque, o crescimento imobiliário e a relação do rural no urbano.

Neste primeiro momento do projeto de iniciação Científica PIC/FIC, fizemos reflexões sobre os conceitos que balizarão nossa pesquisa e as atividades de campo, tais como história oral, memória e ruralidades.

Resgatando a palavra “memória”, encontra-se definida no Dicionário Aurélio como “Faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço. Lembrança. Escrito narrativo em que se compilam fatos, anedotas etc.”. As lembranças e recordações dos antigos moradores e pessoas que tiverem e/ou ainda têm experiências vividas na área do parque serão fatores importantes para podermos compreender as mudanças ocorridas no recorte objeto do estudo durante o tempo e que influenciaram e influenciam as atividades de uso do espaço. E podemos entender memória como capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações. Este trabalho será desenvolvido por meio dos relatos que serão feitos por antigos moradores e lideranças do parque e é fundamental que todos os dados sejam analisados com critérios, pois a memória dos fatos pode ser recuperada ou resgatada; sendo assim, memória é um processo de lembranças pessoais que podem ser relatadas fielmente ou podem ser criadas ou recriadas diante dos novos tempos vividos; afinal, estaremos trabalhando com a história oral.

Assim, para dar conta do resgate da memória de lideranças e moradores/agricultores do PEM, utilizaremos o método da história oral, que, segundo Sônia Maria de Freitas (<https://www.youtube.com/watch?v=Jo3Ljv064g>), é uma metodologia de pesquisa que se dedica em registrar a narrativa da experiência humana. Esta metodologia nasceu na Universidade de Columbia, em 1948, quando um professor decidiu acolher depoimentos de pessoas a partir da gravação das narrativas. Em 1970, essa metodologia chega ao Brasil, quando foi criado o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Cpdoc. Quando a pesquisa é feita por uma instituição que visa a constituir um acervo de depoimentos aberto ao público, é necessário cuidar da duplicação das gravações, da conservação e do tratamento do material gravado. É o que faz o Programa de História Oral do Cpdoc.

O trabalho com a história oral é desenvolvido através de entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. É dar voz aos entrevistados através do resgate de suas memórias, bem como é definido por Aspásia Camargo, citada por Alberti (2004):

Aquele que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância das funções que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre impressões de época, comportamento de pessoas ou grupos, funcionamento de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, formas de cooperação e solidariedade grupal, de transação, situações de impacto etc. Tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes – por que não? – ao denominador comum à espécie humana.

Compreendendo as palavras de Aspásia Camargo, é deixar que as pessoas contem seus relatos, suas experiências de fatos acontecidos, e trabalhar com a história oral é se dispor a ouvir o que as pessoas têm a contar sobre suas experiências e fatos vividos; afinal, serão narrativas longas ou curtas. Porém, transmitem informações que muitas vezes não estão em nenhuma bibliografia, e é preciso ouvir outras versões dos fatos para que se possa avaliar as relações existentes, ou não, entre o que está escrito, ou a história oficial, e o que as pessoas têm a contar. Sendo assim, é dar oportunidade de os sujeitos relatarem suas versões, o que pode acrescentar à pesquisa oral muitas riquezas de detalhes, o que dá ao pesquisador a possibilidade de confrontar duas versões, a oral e a escrita, quando existe algum texto que esteja relacionado ao objeto de estudo.

Segundo Marcela Boni Evangelista, que é pesquisadora, Mestre em História Social – USP (<https://www.youtube.com/watch?v=nxf0rUQSkJk>), quando não houver documentos relacionados, surge a oportunidade de o pesquisador produzir documentação para futuras pesquisas.

O trabalho de pesquisa com a história oral, segundo Alberti (2004), não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça e entrevistar todos que cruzam nosso caminho.

É preciso que o tema seja contemporâneo, pois precisamos de pessoas que estejam dispostas a falar e que tenham algo a dizer sobre o objeto de estudo. Alberti (2004) ainda destaca a importância da escolha dos entrevistados, que deve ser guiada pelos objetivos da pesquisa e não deve ser orientada por critérios quantitativos, mas sim por uma preocupação com amostragens e a posição do entrevistado e o significado de sua experiência.

Entendemos, a partir das leituras realizadas, que é preciso ter consciência do objetivo a ser atingido e assim, nos momentos de entrevista, ter as questões já elaboradas que direcionem o entrevistado para que consiga manter o foco principal da pesquisa, já que serão horas de gravação e para que durante as entrevistas tanto o entrevistador quanto o entrevistado não sejam surpreendidos, em algum momento, falando sobre outras questões. E ainda devemos considerar que, num primeiro momento, o que não parece ter efeito real na pesquisa quando analisado com mais calma pode revelar algo até desconhecido pelo pesquisador, o que pode levá-lo à busca de mais informações sobre a questão levantada pelo entrevistado.

Quanto à participação dos entrevistados, o ideal é que se consiga ter uma conversa clara, franca e objetiva, para ter conhecimento se realmente as pessoas estarão dispostas a falar sobre os temas que serão abordados; em alguns momentos, elas podem não querer falar sobre o assunto por vários motivos, entre eles a sua preservação e também de outras pessoas que possam estar envolvidas nos fatos ocorridos e que seriam revelados. O que se espera é que o indivíduo consiga revelar com o máximo de detalhes as experiências e fatos relacionados ao objeto de estudo.

A hipótese que estamos trabalhando é a de que, a partir da história oral, poderemos compreender como o crescimento urbano acelerado e também a chegada de grandes empresas ao entorno do parque - PEM pode configurar um risco às atividades de agricultura familiar e ao meio ambiente.

Os estudos do Projeto de Iniciação Científica - PIC serão realizados nas áreas da APA; então, é preciso entender a definição de Área de Preservação Ambiental – APA, que é dada através da lei Federal 9.985/2000; tal lei institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, que define Área de Proteção Ambiental (APA) como “uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos e culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem estar das populações humanas de seu entorno. Pode ser constituída por terras públicas ou particulares e, respeitados os limites constitucionais, podem ser estabelecidas normas e restrições para a utilização de uma propriedade privada nela localizada” (MMA, 2000). Assim, uma APA é uma unidade de Conservação da natureza de Uso Sustentável.

A Área de Preservação Ambiental – APAGericinó-Medanha (Figura 1) compreende partes territoriais dos municípios do Rio de Janeiro, de Nova Iguaçu e de Mesquita, como podemos visualizar no mapa a seguir.

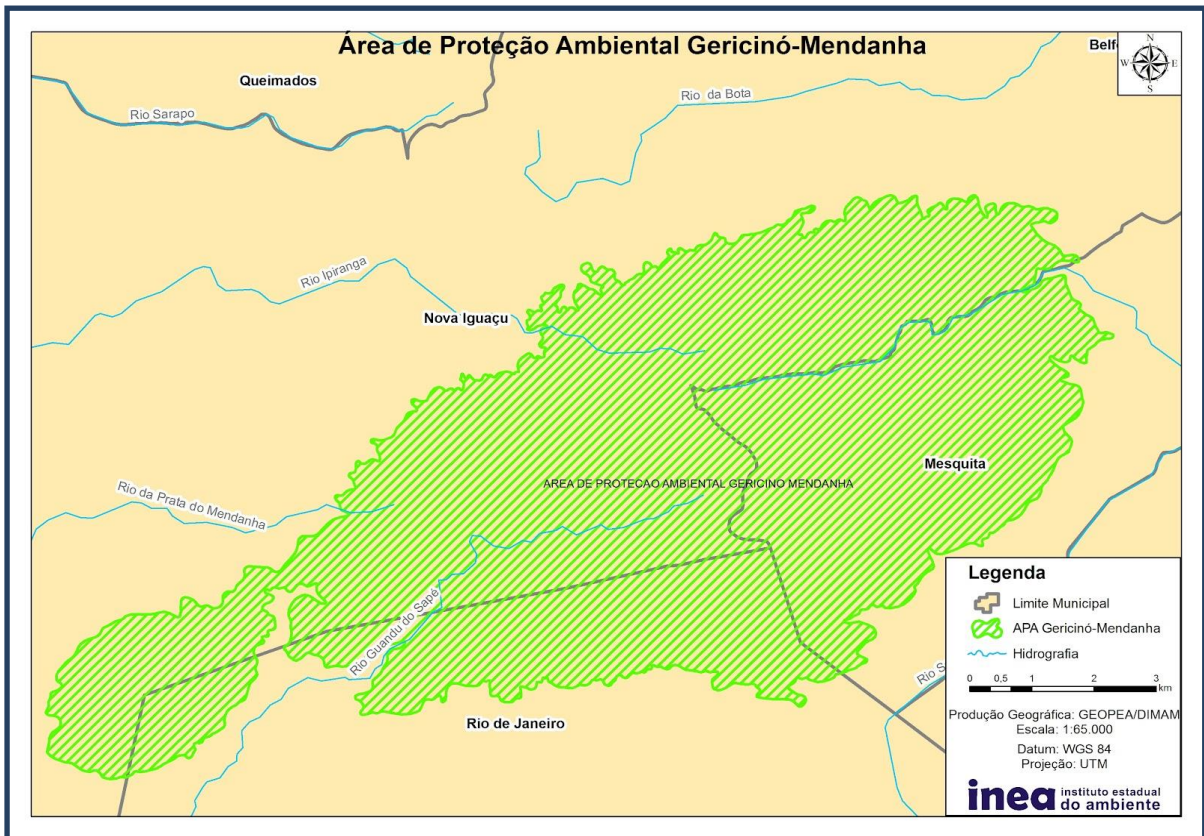


Figura 1 – Área de Proteção Ambiental Gericinó-Mendanha. Fonte: Blog das APAs Estaduais.

Nosso recorte para o desenvolvimento do Projeto de Iniciação Científica será o espaço do Mendanha-Serrinha (Figura 2), o entorno da trilha geológica do Lamego.

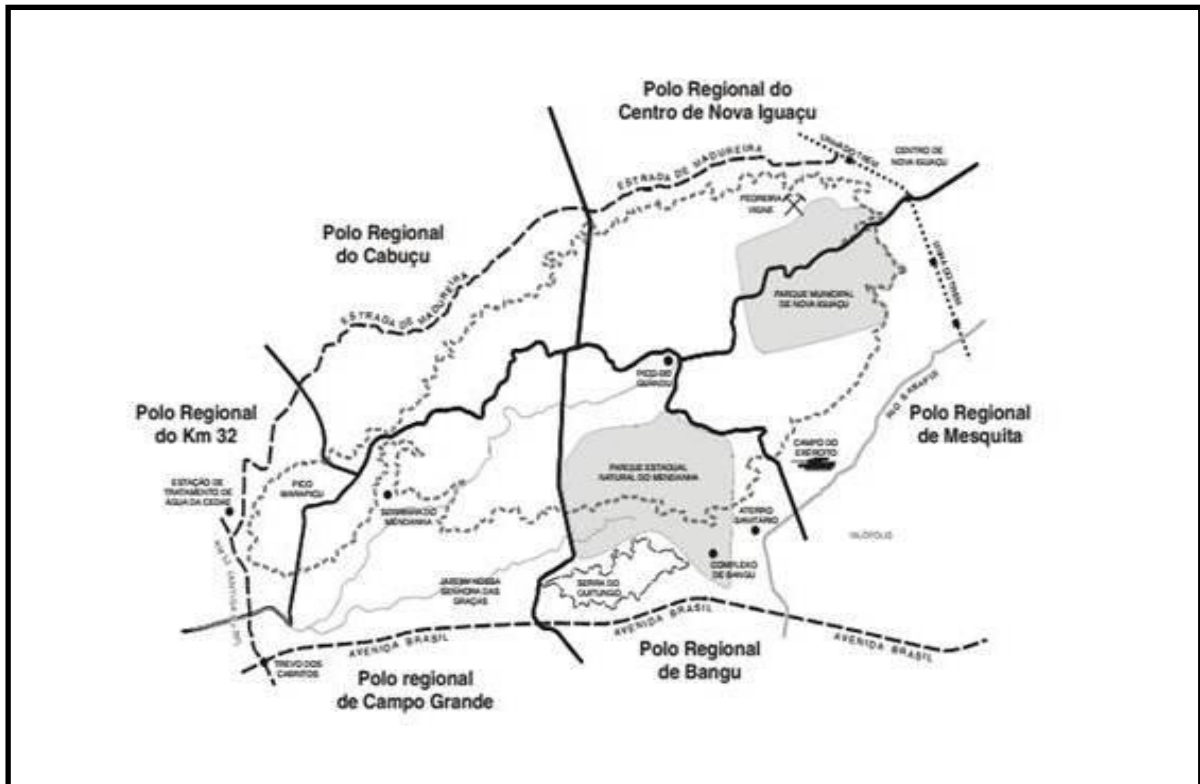


Figura 2 – Localização do Mendanha-Serrinha Fonte: Plano Diretor APA Gericinó-Mendanha.

Através dos estudos que serão realizados nessa pesquisa, faremos o levantamento de dados por meio da história oral, buscando compreender a realidade das famílias que vivem nessa região e sobrevivendo por meio da agricultura familiar. Vale ressaltar nesse estudo que agricultura familiar não é apenas um processo de subsistência, já que as famílias não vivem apenas de suas produções, mas precisam também suprir suas necessidades de matérias que venham da área urbana; existe, então, uma relação capitalista entre o rural e o urbano. As famílias produzem e suprem suas necessidades; o excesso dessa produção é fornecido às pessoas que desenvolvem ou não atividades comerciais, pois, nessa relação de compra e venda, existem os atravessadores, pessoas que compram com essas famílias e vendem aos proprietários de sacolões, mercados e minimercados que estejam localizados fora ou dentro das áreas do parque.

O espaço mundial caminha para uma total urbanização que, a cada momento, vai limitando ou eliminando os espaços rurais. Segundo Maia (1999):

Entendemos que no processo de expansão da urbanização, os espaços naturais, bem como os espaços rurais, se tornam cada vez mais raros. O processo já é bastante conhecido: A cidade expande-se sobre o campo. Desaparece portanto o até então evidente conflito campo x cidade. O espaço mundial parece caminhar para uma total urbanização, guiado pelos anseios de uma sociedade urbana. Contudo, como já dissemos anteriormente, a realidade em sua complexidade não se mostra homogênea, e o espetáculo da cidade vai-se compor não só pelo progresso, mas também por seu reverso. E o campo, longe de ter desaparecido, permanece nas dissimulações dos seus limites. (1999, p. 215).

Verificando que cada vez mais que o urbano está tomando conta das áreas rurais, seja por meio do crescimento imobiliário ou por pequenas e grandes empresas dentro da zona oeste, poderemos perceber que os agricultores do parque podem ser afetados por esse crescimento. Segundo Alberti (2004), tal crescimento tende a caminhar para a total urbanização, isso guiado pelos anseios de uma sociedade urbana. Com os estudos que serão realizados, deveremos analisar o quanto a área rural em torno do parque já está sendo afetada pelo crescimento urbano na região em torno. Deveremos analisar também se esse espaço rural corre o risco de ser eliminado ou, como verificado nas últimas décadas, apenas ficar limitado a uma pequena área dentro da região da zona oeste.

O maciço Gericinó-Mendanha (Figura 3 e Figura 4) apresenta um relevo com vários compartimentos, englobando serras, topos de morros com variadas altitudes, linhas de cumeadas, divisórias de águas, encosta de maior e menor declive, colinas, morros isolados, vales e planícies de rios. O conjunto das serras Gericinó-Mendanha-Madureira é coberta em

quase toda sua totalidade por formações florestais da Mata Atlântica; sua proximidade com áreas urbanas, somada à carência de informações relativas à vegetação da APA, justificam os esforços feitos no sentido de promover a conservação e o uso sustentável da área. E é dentro dessa área que as várias famílias desenvolvem suas atividades rurais ou apenas residem nesse espaço, como podemos visualizar nas próximas imagens.



Figura 3 - Maciço Gericinó-Mendanha. Fonte: INEA



Figura 4 – Maciço Gericinó-Medanha. Fonte: Rio de Janeiro Aqui.

Visando o reconhecimento da área de estudo, os alunos do Projeto de Iniciação Científica - PIC fizeram um trabalho de campo acompanhados pela Professora Débora Rodrigues e pelo Gestor do parque, o geógrafo Carlos Dario. Os alunos percorreram a trilha do Lamego e tiveram a oportunidade reconhecer o recorte que é objeto de estudo nesta pesquisa (Figura 5 e Figura 6), como podemos visualizar nas figuras a seguir.



Figura 5: Início do trabalho de campo – apresentação do mapa Gericinó-Mendanha

Fonte: André Siqueira, setembro de 2014



Figura 6: Chegada ao Parque Estadual do Mendanha. Fonte: André Siqueira, setembro de 2014.

Buscando o bom desenvolvimento dos estudos e a fim de facilitar a localização dos pontos dentro do parque, no dia 08 de outubro de 2014 foi realizada uma oficina nas Faculdades Integradas Campograndense – FIC, com o professor Alexandre José de Almeida Teixeira. Seu objetivo era permitir que os alunos do Projeto de Iniciação Científica - PIC tivessem a oportunidade de aprender a utilizar o GPS (do inglês *global positioning system*, GPS). O sistema de posicionamento global é considerado, atualmente, a mais moderna e precisa forma de determinação da posição de um ponto na superfície terrestre; é um sistema de navegação por satélite que fornece a um aparelho receptor móvel a sua posição. O receptor capta os sinais dos quatro satélites para determinar as suas próprias coordenadas - e depois calcula a distância entre os quatro satélites pelo intervalo de tempo entre o instante local e o instante em que os sinais foram enviados, assim como informação horária. Essa informação se dá sobre todas as condições atmosféricas, a qualquer momento e em qualquer lugar na Terra, desde que o receptor se encontre no campo de visão dos quatro satélites GPS.

A oficina foi realizada em dois momentos, sendo o primeiro momento com as instruções teóricas sobre o GPS, sua utilização, sua importância e os pontos de localização, a leitura das informações dadas pelo aparelho e os satélites existentes. No segundo momento, os alunos tiveram a oportunidade de praticar o uso do GPS percorrendo as áreas da FIC e fazendo marcações dos pontos de localização, sempre acompanhados e orientados pelo professor Alexandre Teixeira (Figura 7 e Figura 8).

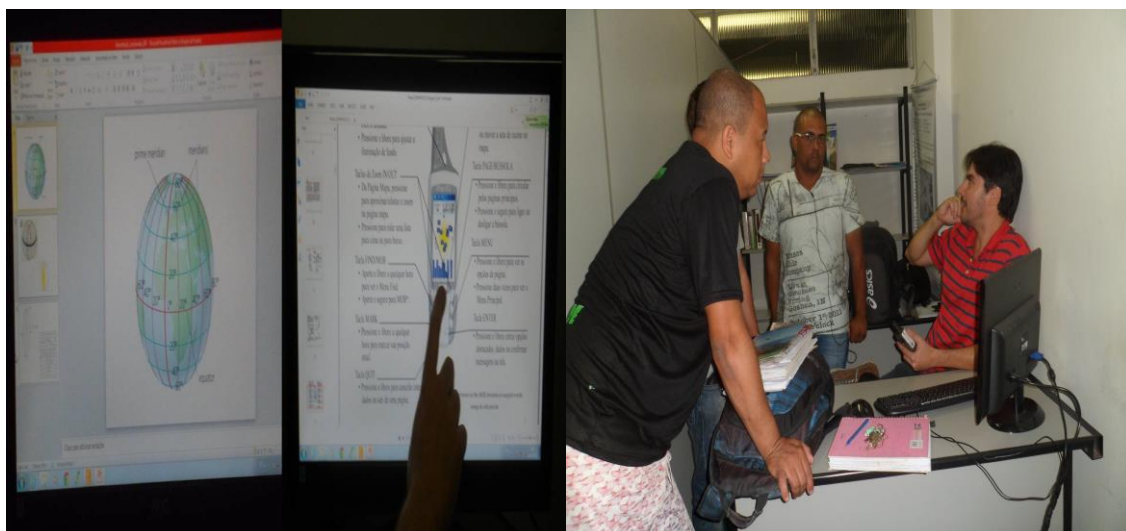


Figura 7: Primeiro momento: aula teórica no ESPAZO. Fonte: André Siqueira, outubro de 2014



Figura 8: Marcação de pontos GPS. Fonte: André Siqueira, outubro de 2014

Considerações finais:

O desenvolvimento desta pesquisa está sendo realizado com o acompanhamento dos professores Artur Sérgio Lopes e Rosilaine Silva, com reuniões semanais para debater, refletir e interpretar textos necessários para melhor compreensão e interpretação dos dados que serão colhidos por meio de entrevistas com moradores e lideranças do parque. A pesquisa teve início no mês de maio, com a leitura de textos, visualização de vídeos e discussão do tema abordado, além de metodologia de pesquisa.

Em outubro iniciamos os trabalhos de campo, reconhecimento da área de pesquisa e as entrevistas de moradores e/ou lideranças que atuam na mesma área e que tenham interesse em participar desta pesquisa, contando suas memórias de fatos ocorridos e recentes que colaborem ao desenvolvimento da mesma. As expectativas são que já nesse primeiro momento possamos selecionar um grupo de pessoas para darmos continuidade ao processo de aplicação dos questionários e que já no próximo mês comece o processo de digitação das entrevistas, interpretação e reflexão sobre os dados coletados.

Referências bibliográficas:

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Blog das APAs Estaduais - RJ GEUSO Gerencia de Unidades de Conservação de Uso Sustentável <http://geusoinearj.blogspot.com.br/2011/02/area-de-protecao-ambiental-de-gericino.html> Acesso em: 10 out. 2014.

Dicionario Aurelio. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/memoria>. Acesso em: 10 out. 2014.

EVANGELISTA, Marcela Boni. **Narrativa histórica e memória oral**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nxf0rUQSkJk>. Acesso em: 12 out. 2014

FREITAS, Sônia Maria de. **Memória Oral: Escola Estadual Visconde de Congonhas do Campo**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Jo3Ljbv064g> . Acesso em: 12 out. 2014

Fundação Getúlio Vargas - CPDOC <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 10 out. 2014.

Fundação Getulio Vargas - CPDOC <http://cpdoc.fgv.br/> . Acesso em: 10 out. 2014.

Instituto Estadual do Ambiente – INEA. Disponível em: http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/INEA_008612 Acesso em: 12 out. 2014

MAIA, Doralice Sátyro. **Hábitos rurais em vidas urbanas**. São Paulo: Contexto. 1999.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de Produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. 1. ed. São Paulo: FFLCH. 2007.

Ministério do Meio Ambiente (MMA). Disponível em:
<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=322>. Acesso em: 15 out. 2014

Rio de Janeiro Aqui. Disponível em <http://www.riodejaneiroaqui.com/pt/macico-do-gericino-e-mendaonha.html>. Acesso em: 12 out. 2014